

UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A INFÂNCIA PROTAGONIZADA POR GÓRKI, RAMOS E VASCONCELOS

*Débora Ferreira Bossa**

*Anamaria Silva Neves***

RESUMO:

A psicanálise inova ao revelar que a infância compõe a zona de produção do desconforto, da substituição do prazer pela realidade, do trauma, do desamparo, os quais são condições fundamentais para a constituição do psiquismo. Esta pesquisa parte das obras *Infância de Maksim Górk*, *Infância de Graciliano Ramos* e *O Meu Pé de Laranja Lima* de José Mauro de Vasconcelos para percorrer a infância e o infantil, discorrendo sobre temas pertinentes à vivência da infância enquanto tempo de produção do infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Maksim Górk. Graciliano Ramos. José Mauro de Vasconcelos. Psicanálise. Infância. Infantil. **Introdução**

A literatura é utilizada, com muita frequência, por sua possibilidade de articulação com a psicanálise. Freud em muitos de seus textos mencionou produções literárias como recursos para suas reflexões. A literatura e as artes permitem a compreensão dos conteúdos psíquicos, e como tal podem ser ferramentas para o diálogo com a psicanálise.

Leite (2007) menciona que Freud glorificou os poetas por considerar que a literatura caminha pelo reino dos afetos, dimensão sobre a qual percorre o trabalho do psicanalista. Nesse sentido, a literatura faz avançar a teoria. A autora chama atenção para o erro de se cometer confirmações ou generalizações ao abordar as obras literárias para o contexto da psicanálise, uma vez que o recurso literário deve ser instrumento para o avanço das teses, e permitir a elaboração de um conceito e espaço para a descoberta. Leite (2007) retomou Freud ao mencionar que o poeta sabe antes que o psicanalista, dessa forma, a literatura ocupa o lugar

*Psicóloga graduada pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da mesma instituição. Endereço para correspondência: Rua Senador Salgado Filho, 727. B. Tabajaras. CEP: 38400-236. Uberlândia – MG, Brasil. E-mail: deborabossa@gmail.com

**Docente Associado I do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia - graduação e pós-graduação *strictu sensu*. Endereço para correspondência: Av. Maranhão, s/n. Bloco 2C. *Campus* Umuarama. CEP: 38400-902. Uberlândia – MG, Brasil. E-mail: anamaria@umuarama.ufu.br

de fonte de esclarecimento para a psicanálise, de modo que possibilita colher dados sobre o funcionamento do aparelho psíquico.

O desenvolvimento deste estudo se baseia na compreensão da teoria psicanalítica partindo inicialmente da obra *Infância* (1913-1914/2010) do escritor russo Maksim Górkí e, em complementaridade, faz uso das obras *Infância* (1945/2012) de Graciliano Ramos e *O Meu Pé de Laranja Lima* (1968) de José Mauro de Vasconcelos. O material literário é utilizado com a intenção de construir diálogo com o saber disponibilizado pela psicanálise, não tendo pretensão de buscar o entendimento das dimensões psicológicas dos autores a partir de suas obras, pelo contrário, busca-se as obras como recurso para caminhar pela teoria à compreensão de temas que percorrem a infância, compreendida como lugar para produção do infantil, que compõe a vivência do desamparo e do traumático.

Infância: Górkí, Ramos e Vasconcelos

Infância (1913-1914) é o primeiro livro da trilogia autobiográfica do escritor russo Aleksei Maksímovitch Piechkóv (1868-1936), que usou em suas obras o pseudônimo Maksim Górkí. A narrativa chama a atenção para uma infância marcada pela violência e pela miséria, que caminham para os desdobramentos das relações familiares calcadas pela tensão, pela luta por poder e pelo ódio. A impressão que se tem ao entrar em contato com a obra é a presença de um desmoronamento do vínculo familiar, propiciado por fatalidades do cotidiano e pelo modo como os membros se enlaçam em seus descontentamentos.

A primeira cena do livro ilustra o velório do pai, Maksim Piechkóv, velado em um pequeno quarto escuro da casa. No mesmo quarto, durante o velório, a mãe Varvara empalidece e cai no chão, onde, ao lado do caixão do esposo dá à luz ao segundo filho. Vida e morte se entrelaçam já na primeira imagem da narrativa.

Em decorrência da morte do pai, o menino Leksiei, como Górkí era tratado pelos familiares, a mãe e o recém-nascido irmão vão de mudança de Astracã para a casa dos avós maternos em Sarátov, na Rússia. Na longa travessia de navio a vapor pelo rio Volga o irmão de Leksiei morre durante a viagem. Górkí mencionou não se recordar de sua infância antes da morte de seu pai, contudo, considera que a mudança para a casa dos avós lhe apresentou uma realidade estranha e perturbadora, em que os parentes conviviam em relações de guerra. Entre agressões e cenas de extrema violência, Górkí narra sua infância, no final do século XIX, na Rússia, até a adolescência, quando saiu da casa dos avós para dar lugar para as vivências que

iriam compor sua segunda obra autobiográfica *Ganhando meu pão* (1916), e em seguida a terceira *Minhas Universidades* (1923).

Górkí entra em contato com a leitura em casa, a partir das orientações de sua mãe, Varvara, e de Natalia, uma carinhosa tia. Ambas falecem, e o avô assume os cuidados e alfabetização do neto, que com gritos e os xingamentos tenta fazer Górkí um garoto alfabetizado. O processo se completa na escola regular, porém é com a avó analfabeta que Górkí descobre a paixão pelo folclore, pelas lendas de sua cultura, e se revela mais tarde um escritor de renome internacional.

A obra *Infância* de Graciliano Ramos, autor brasileiro, foi publicada em 1945 e compõe a narrativa autobiográfica de sua infância e parte da adolescência. O livro é marcado por saltos de memória, mesclando imaginação e lembrança logo na primeira cena. As imagens iniciais são marcadas por memória e ausência, mas durante a leitura as cenas aparecem como um despertar de um sonho confuso, tornando-se mais claras à medida em que os fatos se entrelaçam. Ramos (1945/2012) acaba por denunciar a ética da educação familiar e social posta para a criança no Brasil nos séculos XIX e XX. Ao olhar para sua própria infância, Ramos reconhece a opressão vivida, em que os adultos, tidos como fortes e impiedosos, ditavam suas regras para a conduta do garoto, o qual ficava à mercê de esperar por novos espancamentos, mesmo que de fato não compreendia os motivos para tantas agressões. Em suas palavras:

Sentenciavam-me sem formalidades, mas o castigo implicava falta. E ali no silêncio e no isolamento, adivinhando os mistérios dos códigos, fiz compridos exames de consciência, tentei catalogar as ações prejudiciais e as inofensivas, desenvolvi à toa o meu diminuto senso moral (RAMOS, 2012, p.89).

A mãe de Graciliano foi descrita por sua rispidez, imperativo, afastamento, e depositava no garoto inúmeros apelidos que diziam respeito a suas dificuldades, ou deficiência, quando uma doença nos olhos lhe roubou a visão por algum tempo. A relação de desafeto era intensificada pela presença de um pai autoritário e muito violento. Na descrição de seus pais, Ramos (1945/2012) recorre a uma imagem de animalização, marcada por relatos que permitem perceber o remorso, ódio e um falecimento do afeto. Seja em casa, com a família, na escola, em sua relação com os professores, com amigos ou conhecidos, Ramos estava rodeado por adultos que inovavam em suas formas de opressão e humilhação. O escape para tudo de constrangedor que lhe fora apresentado pode ter se dado através do

encantamento pelas palavras, que felizmente possibilitou o nascimento de um escritor brasileiro de grande orgulho para a literatura nacional, e com reconhecimento internacional.

A obra *O Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, publicada em 1968, sendo também muito carregada por impressões de sua infância. A escrita é construída retomando o tom da infância, o que faz o leitor a caminhar pela narrativa entrando em contato com a criança de Zezé, talvez por Vasconcelos ter sido sábio em domar as palavras para mobilizar o infantil do adulto, e resgatar as vivências de sua infância. Isso, por certo, faz sensibilizar qualquer leitor adulto que toma as palavras desse personagem. O personagem é Zezé, um menino de cinco anos, que mente sua idade para seis anos para entrar na escola primária. Vive em situação de pobreza em função dos longos anos de desemprego de seu pai, má remuneração de sua mãe, uma funcionária da fábrica, e pelos próprios contextos sociais e políticos que a realidade brasileira apresentava a seus cidadãos na década de 1920.

Zezé e sua família se mudam para uma casa, onde o amplo quintal comporta uma variedade de árvores. Totoco e Glória, irmãos de Zezé, escolhem o tamarineiro e a mangueira como amigos, sem opções Zezé fica o pé de laranja lima, uma árvore com a qual começa uma conversa e enlaça uma amizade. O pé de laranja lima, o Minguinho, passa a ser seu confidente, e é com ele que Zezé se sente seguro para contar seus segredos. Zezé é cuidadoso com o irmão mais novo, Luís, e em muitos momentos toma atitudes de carinho e atenção, por vezes, coloca-se como se pudesse ser um adulto tutor do irmão. Zezé é um garoto de grande imaginação, que se apropria do lúdico e das travessuras para estar junto de sua família, tumultuada pelos problemas financeiros.

Zezé é um garoto curioso que adora conhecer conceitos, atitudes e ideias novas. Zezé aprendeu a ler sozinho e entra na escola já sabendo ler. Não sabe ao certo como aprendeu ler. Seu sonho é ser poeta e usar grava de laço, em suas palavras: “E quando eu crescer quero ser sábio e usar gravata de laço. Um dia vou tirar retrato de gravata de laço [...] Porque ninguém é poeta sem gravata de laço” (VASCONCELOS, 1968, p. 14). A mãe está sempre cansada e por ter começado a trabalhar muito nova não teve oportunidade de estudar. O pai sempre apático, entristecido com a vida e com a falta de emprego, a família é colocada à viver na pobreza. Zezé, por vezes, dedica-se a engraxar sapatos ou vender bolas de gude, figurinhas para poder ajudar com as despesas em casa. Os castigos são frequentes, e as “surras” também, Zezé é um menino travesso e brincalhão, está sempre se ocupando de ideias para se divertir, porém suas ações são vistas pelos adultos como desrespeito e é ensinado com tapas e castigos. Em muitos momentos, Zezé se oferece a tomar tapas, broncas e ficar de castigo, acreditando ser um “menino mau”.

Constrói amizades com os adultos: o tio Edmundo é sua referência de sabedoria, o cantor Ariovaldo o incentiva à música e à venda, e Manuel Valadares, o português, com quem Zezé tem uma amizade de conforto, segurança e admiração, porém é com essa amizade que Zezé conhece a dor. Na folha de rosto do livro, Vasconcelos (1968) coloca “História de um meninozinho que um dia descobriu a dor...”.

Valadares, o português, tem fama entre as crianças de Bangu, no Rio de Janeiro, de ser “antropófago”, mas tem “o melhor carro”. Zezé encantado pelo carro de Valadares decide pegar uma carona na traseira do veículo. Valadares o pega tentando fazer tal artimanha e lhe dá uma bronca. O relacionamento começa com a briga, e Zezé muito irritado disse que iria matá-lo quando crescesse. Certo dia, porém, o garoto, caminhava para a escola com dificuldade, pois o pé tinha um profundo corte provocado por um pedaço de vidro que estava no rio onde costumava brincar. Ao perceber que Zezé estava machucado, Valadares oferece ajuda e cuidados com o garoto, essa amizade que iria transformar a vida de ambos.

E os dias andaram sem pressa e sobretudo muito felizes. Até que lá em casa começaram a notar minha transformação. Eu já não fazia tantas travessuras e vivia no meu mundinho de fundo de quintal. Verdade que algumas vezes o diabo vencida os meus propósitos. Mas já não dizia tantos palavrões como antigamente e deixava em paz a vizinhança (VASCONCELOS, 1968, p. 125).

Incompreendido em casa por seus pais e irmãos, Zezé encontra em Valadares uma amizade capaz de acolher suas dúvidas, travessuras, incompreensões, sentimentos e aventuras. A partir desse encontro, Zezé reconhece a construção de um laço capaz de suportar suas angústias e lhe oferecer o carinho e o zelo que solicita quando acometido por suas insatisfações. Valadares relembra a Zezé a infância que este recobre vivendo a seu tempo, fantasias e a criação de sentidos a uma realidade em construção. O amigo, porém, falece em um acidente de carro, acometido por um sofrimento irreparável, Zezé vivencia uma dor profunda.

Durante três dias e três noites, fiquei sem querer nada. Só a febre me devorando e o vômito que me atacava quando tentavam me dar coisa para comer ou beber. Ia definhando, definhando. Ficava de olhos espiando a parede sem me mexer horas e horas. [...] A casa foi-se vestindo de silêncio como se a morte tivesse passos de sêda. Não faziam barulho. Todo mundo falava baixo. Mamãe ficava quase tôda noite perto de mim. E eu não me esquecia dêle. Das suas risadas. Da sua fala diferente. Até os grilos lá fora imitavam o *réquete, réquete* da sua barba. Não podia deixar de pensar nêle. Agora sabia mesmo o que era a dor. Dor não era apanhar de desmaiar. Não era cortar o pé com caco de vidro e levar pontos na farmácia. Dor era aquilo, que doía o coração todinho, que a gente tinha que morrer com ela, sem poder contar para ninguém o segrêdo. Dor que dava desânimo nos braços, na cabeça, até na vontade de virar a cabeça no travesseiro (VASCONCELOS, 1968, p. 174).

As obras elaborados por Górkki, Ramos e Vasconcelos são carregadas de lembranças da infância, que em suas composições autobiográficas trazem as experiências vividas, retomadas nas narrativas com certa aproximação e afastamento. A aproximação de um tempo experimentado em suas tragédias e paixões, e afastamento por um tempo adulto que narra as experiências do vivido. A infância narrada pelos autores foi posta a transpor o tempo da vida, pois materializadas na cultura literária podem ser resgatadas a qualquer momento e suscitar nos leitores impressões que remetem às suas próprias infâncias.

Temas que percorrem as obras de Górkki (1913-1914/2010), Ramos (1945/2012) e Vasconcelos (1968)

Um pouco sobre a recordação da infância para a psicanálise

A infância sempre esteve presente na psicanálise, isso porque os relatos das lembranças dos pacientes de Freud retomam os primeiros anos de vida, cujos escritos estão nas obras freudianas desde o princípio da construção da teoria psicanalítica. Este momento da vida, é então compreendido como primordial para a compreensão do funcionamento psíquico. O entendimento psicanalítico sobre a infância se colocou, inicialmente, com o resgate da fala dos pacientes, não como reprodução de um fato dado, mas a maneira como o sujeito foi marcado pela vivência infantil (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007).

A criança abre um novo espaço para o pensamento psicanalítico. Endossado pela técnica da associação livre e a interpretação da palavra, Freud se depara com o caso Hans (Freud, 1909), um garoto de cinco anos que chega ao seu consultório devido à uma fobia, e outras várias questões relacionadas à sexualidade. O entendimento do caso Hans parte para a proposição da necessidade de compreender o universo infantil. O encontro com a criança da psicanálise apresenta um sujeito que se manifesta nos sonhos, desenhos, relatos e jogos, tratando-se de um discurso a ser decifrado em efeito na articulação com o inconsciente (VIDAL, ano X).

Zavaroni, Viana e Celes (2007) reconhecem que a infância oferece um duplo movimento, pois ao mesmo tempo em que colabora para a constituição do sujeito, também oferece modos de interpretação de tal constituição. E retomam que infância e infantil, para a psicanálise, são termos considerados com denotações distintas. A infância faz referência a um período temporal da realidade histórica, enquanto o infantil é atemporal e remete aos conceitos de pulsão, recalque e inconsciente, ou seja, estão presentes os processos de

constituição psíquica, de modo que o infantil recobre a infância de maneira peculiar como marca mnêmica recalçada, referente aos primeiros anos de vida. As autoras lembram que a infância e o infantil percorreram as obras e o pensamento de Freud, ao considerarem que a psicanálise toma relevante não apenas a recordação literal da infância, mas também a infância esquecida é fundamental para a compreensão dos sintomas. A partir do momento em que a fantasia é reconhecida como importante para o entendimento do funcionamento psíquico, a valorização da realidade psíquica suplanta a realidade vivida, ocorre um deslizamento da infância ao infantil, o qual avança para além do que foi visto, vivido ou ouvido no tempo da infância. O infantil, portanto, refere-se às sensações que foram grafadas no psiquismo, e recorda uma infância que não se limita à ordem cronológica ou das experiências possíveis de serem narradas. O infantil, portanto, não cessa em ser resgatado, e não se esgota na tentativa de construção sobre a imagem de uma criança a ser compreendida.

Lajonquière (2006) considera a possibilidade de dessincronizar a infância da criança, uma vez que o adulto porta a infância enquanto algo perdido. A infância não é, desse modo, exclusividade da criança, mas o tempo de produção do infantil, o qual se estende e recorre a infância para além do que foi vivido, e sim, do que foi constituído. A exemplo, Freud (1917) retomou as palavras da obra autobiográfica de Goethe a fim de revelar aspectos essenciais da infância e sua recordação: “Quando procuramos recordar o que nos sucedeu nos primeiros anos da infância, muitas vezes chegamos a confundir o que nos disseram outras pessoas com o que realmente sabemos por testemunho e experiência própria” (GOETHE apud FREUD, 1917, p.189). Antes de propor a citação, Freud (1917) fez questão de mencionar que a elaboração da obra teve início quando escritor e pensador alemão estava com setenta anos de idade.

Freud (1917) apresenta que os conteúdos sobre a infância, mantidos acessíveis à recordação, são significativos para aquele momento da vida infantil, de acordo com a importância dada à época do acontecimento, ou devido a vivências posteriores. O valor das recordações infantis são facilmente notáveis apenas em poucos casos analisados, pois, em geral, não se compreende como tais lembranças poderiam escapar à amnésia, e relatar a importância do uso de suas memórias. Para discriminar o valor dessas recordações é preciso uma interpretação capaz de demonstrar como um conteúdo pode ser substituído por outro, ou que associe a vivências importantes, suplantadas pelas lembranças encobridoras (FREUD, 1917).

As lembranças encobridoras conservam o que é verdadeiramente essencial da vida infantil, e contrabalançam a amnésia, correspondendo a um processo que limita o

esquecimento, e representam os anos esquecidos da infância tal como o conteúdo manifesto tem sua representação para os pensamentos oníricos. As vivências importantes da infância, que foram experimentadas sem compreensão, são posteriormente retomadas para encontrar um entendimento e uma interpretação. Porém, em geral, não podem ser despertadas como uma lembrança, sendo conhecidas apenas através dos sonhos (FREUD, 1914a).

Freud (1914a) menciona a existência de um grupo particular de eventos psíquicos que não pode ser compreendido a partir da relação entre o esquecer e recordar. Nesse grupo estão os conteúdos que são lembrados por jamais terem sido esquecidos, pois em nenhum momento foram percebidos como conscientes. E, parece não haver diferença, no decurso psíquico, se essas lembranças foram conscientes para, assim, poderem ser esquecidas, uma vez que não chegaram a alcançar a consciência.

Freud (1917) considera que a elaboração psicanalítica sobre a história de vida presta esclarecimento sobre os significados das lembranças infantis, cujas confissões biográficas desvelam os desconhecimentos sobre o psiquismo.

Vínculo e Família

A condição de estar junto parece permear a história da civilização humana desde sua origem. O encontro das pessoas diz respeito à construção de laços que às mantém em interação, sendo importante remontar o entendimento de pertencer a um grupo familiar.

Ao se distanciar da natureza e se aproximar da civilidade, o homem deixa em sua história marcas de ganhos e perdas, ou melhor, substituições. Assim, Freud (1930) esclarece “a civilização descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos” (p. 109).

Em *Totem e Tabu* (1914b), Freud mostra o caminho que conduz à formação da vida comunal, partindo do grupo de irmãos, que descobriram ser a combinação mais forte do que o indivíduo isolado. “A cultura totêmica baseia-se nas restrições que os filhos tiveram de impor-se mutuamente, a fim de conservar esse novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro ‘direito’ ou ‘lei’”. A vida comunitária deveu-se, então, à compulsão pelo trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual, a mulher, e esta privar-se da parte separada de si, o filho. Assim, Eros e Ananke (Amor e Necessidade) se tornaram pais da civilização humana.

O amor é responsável por fundar a família, e no âmbito da civilização ele opera em sua forma original, na qual não renuncia à satisfação sexual, e em sua forma modificada, a afeição inibida em sua finalidade. O amor inibido em sua finalidade, originalmente, correspondia a um amor plenamente sensual, característica mantida apenas no inconsciente do homem. O amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade se estendem ao exterior da família e promove a criação de novos vínculos. O amor genital orienta o sujeito para a formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade motivam para o engajamento em laços de amizade destituídos de interesse genital (Freud, 1930).

Käes (2010) esclarece que para formar um casal, viver em família, associar-se a um grupo, viver em comunidade com outros seres humanos, é necessário investimento que se estabelecem de modo eletivo uns aos outros, em suas identificações inconscientes, com objetos e traços comuns.

A família, os casais, os grupos, a união de irmãos são conjuntos que se estruturam a partir da disposição desses sujeitos em se vincularem. Käes (2010) destaca alguns processos e experiências necessários para o estabelecimento de vínculos:

Nossas identificações desenvolvem-se segundo diversas modalidades – especulares, narcísicas, adesivas, projetivas e introjetivas; elas se apoiarão sobre acordos prévios, sobre as ecopraxias, as ecolalias e os ecomimetismos que acompanham nossas primeiras experiências intersubjetivas, aquém ou à margem da fala; elas terão suscitado e encontrado ressonâncias fantasmáticas, realizações de desejos e frustrações (KÄES, 2010, p. 198).

Contudo, ainda é necessário formar alianças, sejam conscientes ou inconscientes, com a finalidade de manter e fortalecer novos vínculos. O encontro com o outro é necessário para realização de desejos inconscientes, que seriam irrealizáveis sem a presença desse outro, e mesmo assim se mantém na dimensão inconsciente. A aliança é uma ferramenta, portanto, em que duas ou mais pessoas se unem para realizar um objetivo específico, o que resulta em um interesse comum, como também em um compromisso mútuo.

Käes (2010) denomina de aliança inconsciente a formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos de um vínculo, a fim de reforçar e estabelecer os investimentos narcísicos e objetivos de que têm necessidade. A aliança se constitui para cada um dos sujeitos um valor psíquico decisivo. O conjunto deriva da realidade psíquica, contratos e pactos estabelecidos pelos sujeitos, que os mantêm e os sustentam.

As alianças inconscientes têm seus efeitos em um espaço intersubjetivo, ou seja, constituem-se como agentes e o conteúdo a ser transmitido da vida psíquica entre as gerações.

Nessa concepção, Kães (2010) apresenta a lógica do vínculo: “não há um sem o outro, e sem o vínculo que os une e contém” (p. 199). As alianças inconscientes exigem obrigações e sujeições dos envolvidos, assim como oferece benefícios e garantem satisfações, os quais são medidos pelos custos psíquicos demandados de seus sujeitos. Cada sujeito do inconsciente, portanto, é constituído sob o efeito das alianças inconscientes, que fazem parte da fabricação de sua subjetividade e de sua realidade psíquica.

No que concerne à família compreendida no âmbito social do contexto psicanalítico, Roudinesco (2003) retoma a questão freudiana e considera que a família é um fenômeno universal, que supõe a existência de uma aliança normatizada pelo casamento e pela filiação. A configuração da família humana coloca a condição de uma passagem da natureza para a cultura, sendo a interdição, ou seja, uma lei que marca subjetivamente a proibição incestuosa, necessária para a união entre homem e mulher, marido e esposa. Há algo, porém, que sai desta configuração familiar e que passa a questionar sua forma e conteúdo no contemporâneo. A família passa por transformações e encontra hoje novas formas de ser. E diante disso, Roudinesco (2003) propõe o entendimento de alguns modelos. O primeiro deles parte de uma imagem tradicional, em que se assegura a todo custo a indissolubilidade do casamento, e a afirmação da paternidade biológica como indispensável, os filhos bastardos são assim colocados fora da cena da família tradicional o núcleo familiar, que se coloca sob a ordem de um mundo imutável e submetida à autoridade patriarcal. Aparece aos poucos, a família moderna, que toma o espaço da primeira para dizer que a união pode ser pautada no amor romântico, sancionando a reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carnaais à forma do casamento. A família moderna sobrevive, enquanto outra passa a tomar espaço, a família contemporânea ou pós-moderna. Esta vislumbra relações íntimas ou realização sexual e nada lhe garante duração infinita. É assim, possível, configurações, reconfigurações, casamentos, divórcios, recasamentos, filhos do casal e de outras uniões, extensões e diálogos intergeracionais. Sem a pretensão de delimitar sua forma e conceito, a família parece ter ampliado seu contorno e passado a se compor sobre margens mais flexíveis de composições e recomposições. As formas familiares apresentadas por Roudinesco (2003) devem ser compreendidas como influentes entre si e concomitantes em existência, pois o modo de se constituir a família é tão singular quanto cada família que habita os lares e suas extensões.

No contexto da narrativa de Górkí (1913-1914/2010) é possível ter acesso à interferência e coexistência desses modelos familiares. No casamento entre Varvara e Maksim Piechkóv, a união foi estabelecida em discordância com a vontade dos pais de Varvara, que tentavam casá-la com um fidalgo. A filha, porém, elege o esposo pelo afeto e afinidade

estabelecida pelo casal. Longe do consentimento dos pais, faz valer, antes de qualquer determinante familiar, sua posição. Por infortúnio, Maksim Piechkóv falece e Varvara, viúva, retorna à casa dos pais. Diante das condições familiares e sociais da época, Varvara é orientada a se casar, por desejo alheio ao dela, com Evguiéni Vassílievitch, assumindo assim uma postura contrária a que tinha tomado anteriormente, e que tange em conformidade às tradições daquele tempo, em que a família tradicional, mencionada por Roudinesco (2003), colocava-se como modelo à ser seguido. A morte de Maksim Piechkóv coloca como suspeita de castigo o rompimento à tradição, e carrega algo de misterioso o insucesso por não ter sido firmado como deveria: à arbitrariedade dos pais. No segundo casamento, Varvara parece aceitar a condição de sonegar sua vontade em virtude da determinação dos pais, e isso lhe rende uma união pouco amistosa, que propicia seu adoecimento, fragilidade e infelicidade. Na descrição de Górkí, Varvara parece ser uma personagem que se distingue em dois momentos. Primeiramente há a imagem de uma mãe amorosa, autônoma, dedicada e afetuosa. Em segundo, essa mesma personagem cede espaço para a imagem de uma mãe infeliz, insegura, dependente, insatisfeita, submissa à autoridade e à violência do pai e de seu segundo esposo, Evguiéni Vassílievitch.

Ramos (1945/2012) presencia o formação tradicional de família, cuja organização é legitimada pela ordem social que acompanhava a cultura brasileira, na qual a mulher tinha um lugar bem posto, mantendo-se na condição de submissão à autoridade paterna, e posteriormente com o matrimônio subserviente ao esposo, substituto da autoridade do pai. A família do menino foi composta por uma mulher casada muito jovem, que se tornou mãe do primogênito Graciliano Ramos aos treze ou catorze anos. Seu posto na família, diante desse contexto social, ilustra a imagem da mulher dentro do lar, como cuidadora da casa e dos filhos, porém, para Ramos, em sua descrição, faltou-lhe a afetividade, possivelmente como proteção a essa autoridade que lhe fazia desgostar.

Percorrer a organização familiar como fundamental para a sociedade humana e pensá-la nos esboços atuais, permite vislumbrar os ideais construídos de um lar acolhedor, educador de crianças e relações mantidas pelo vínculo afetivo, porém, a entrada nos lares e o olhar para os vínculos familiares mostra realidades distintas e, por vezes, bem distantes desse conceito. As obras de Górkí (1913-1914/2010), Ramos (1945/2012) e Vasconcelos (1968) ilustram a realidade de muitas famílias da contemporaneidade.

Em Górkí (1913-1914/2010), a rivalidade entre tios, Mikhail e Iákov, que exigiam a partilha dos bens do avô, culminou em um movimento de segregação da família e destruição da posição paterna, que por anos se manteve como a autoridade familiar.

Assim, recorremos a Freud (1914b) que coloca como ensaio de uma horda primitiva a hipótese da construção do totemismo e das interdições, em que os irmãos rivais e invejosos do poder do patriarcal unem-se para matar e devorar o pai. Unidos, foram capazes de colocar fim à horda primitiva do pai, o qual foi, simultaneamente, temido e invejado como modelo para cada um dos irmãos. O ato de devorá-lo denota identificação com ele, com o qual cada um adquiriu uma parte de sua força. Os irmãos estavam repletos de sentimentos contraditórios, pois ao mesmo tempo em que odiavam o pai, por representar um obstáculo ao anseio de poder aos desejos sexuais, também o amavam e o admiravam. A união entre os irmãos, porém não retira a rivalidade existente entre eles, pois também queriam para si o domínio sobre todas as mulheres que pertenceram ao pai. A nova organização possibilitou a luta de todos contra todos, pois nenhum dos irmãos teria força suficiente para ser predominante e capaz de assumir o posto do pai com êxito. Marin (2002) retomando Freud, considera que o marco da civilização nos coloca como herdeiros e cúmplices de um crime negado e perpetuado, qualquer componente agressivo passa a ser depositado em outros lugares, pessoas, classes sociais e grupos minoritários.

A hipótese de Freud (1914b) dialoga com os eventos relatados na biografia de Górkí, uma vez que os irmãos Mikhail e Iákov disputam a parcela dos bens do avô, tomando o posto em que os bens representam a detenção do poder e da autoridade, tão bem definida e assegurada por sua posição na família, como o detentor das posses da família. Os irmãos são rivais, e lutam para um objetivo em comum: a partilha dos bens do pai. Isso, porém, não dá espaço para a união ou acordo entre os irmãos, a competição e a rivalidade, sustentada pela violência, são ainda mais incitadas quando a divisão das posses é fortemente exigida pelos filhos, e negada pelo pai. Após muitos momentos de brigas e discussões, o avô acabou concedendo à divisão de suas posses, o que também acarretou em separação de toda a família. Iákov ficou na cidade, e Mikhail se mudou para o outro lado do rio. O avô comprou uma casa grande na cidade, e tempos depois decreta separação material com a esposa, a qual se vê empobrecida e passa a ser sustentada por Górkí, que frequentemente faltava às aulas para buscar sucata na cidade e vender. A família se divide junto com a partilha dos bens, e a rivalidade permanece delimitando essas relações.

Violência e Desamparo

Em Górkí (1913-1914/2010), a violência, é primeiramente representada pelo avô, e posteriormente reproduzida pelos filhos, e alimenta o ódio na família. E, embora seja usada

como instrumento de controle, ela se volta contra a figura de autoridade, a qual passa a ser fortemente derrubada pelos filhos que tentam roubar-lhe o lugar, representado pela posse dos bens. Na família de Górkí, o avô ocupa um posto de dono de todos e dos corpos, acreditando, ou não, que isso lhe garanta o domínio e a união da família, acaba por provocar seu próprio desmoronamento e falência. Em Ramos (1945/2012) e Vasconcelos (1968), a violência também é colocada como condição para a educação das crianças, cuja prática era quase sempre levada a seu extremo, de modo que a correção arrancavam-lhe feridas na pele. Górkí, Ramos e Vasconcelos descrevem cenas em que suas crianças levaram tapas que as deixaram acamadas e com febre.

Ao considerar a violência, Marin (2002) reconhece que está muito próxima do fenômeno do *unheimlich*, descrito por Freud em O Estranho, de 1919. O estranho é a categoria do assustador, que ao mesmo tempo é um velho conhecido e familiar, cujo contato com o recalcado e o ameaçador traduz, segundo a autora, a violência. A violência pensada por Marin (2002) transpõe o entendimento como sintoma social, assim, ao considerar que a civilização parte de um crime que é negado, para a preservação, e perpetuado por toda humanidade, recorrendo à hipótese de Freud ao parricídio, a violência é determinante da subjetividade, enquanto fundadora da civilização.

Amor à mãe, ódio ao pai, que é obstáculo àquele amor, supressão do desejo de assassinar o pai por temor à castração, submissão ao outro para preservar subjetividade – nesse paradigma clássico da psicanálise já temos elementos que levam a pensar na questão da violência como elemento fundante da subjetividade. Sabe-se também que muito antes de configurar-se dessa forma – amor à mãe, ódio ao pai – o *infans* é violento pelo discurso da mãe, que lhe marcará a existência do mundo em confronto com sua psique: reconhecer um espaço separado do próprio (MARIN, 2002, p. 18).

A conotação destrutiva, coercitiva dada ao termo violência, que considera a anulação do outro, em resgate à noção psicanalítica de pulsão, acrescenta a ideia do ódio, da cólera, mas também, aquilo que lhe é contrário, como a justiça e a razão (Marin, 2002).

Fagundes (2003) considera que a violência só existe no contexto da interação humana, sendo o emprego desejado da agressividade orientada para uma finalidade destrutiva. O objeto da violência não é determinado, e sim arbitrário e pode ser deslocado. A violência aparece de forma oculta e o sujeito violentado é incapaz de se preparar para a defesa, nesse sentido, o autor afirma que a violência é uma vivência traumática, pois o aparelho psíquico não se prepara para tal. A precariedade da elaboração psíquica do sujeito violentado dificulta a representação e a simbolização dessa vivência, o que, em muitas situações, tende à

somatização ou à psicotização. O violentador, ao provocar a dor física ou psíquica no outro, livra-se de seu medo e de sua dor a partir dos mecanismos de projeção e identificação projetiva, de modo que o outro é usado de forma narcisista. O autor esclarece que

A representação do sujeito violentado e seu mundo é assimétrica e o violentador passa a ser o único objeto existente. Assim o mundo perde sua diversidade e está ali só para fazer o outro sofrer; a única coisa que resta ao violentado é tenta sobreviver (FAGUNDES, 2003, p. 730).

Pensar que o homem carrega em si a destruição e a agressividade não recorre ao julgamento moral e ético que distingue os bons dos maus, fieis dos pecadores, mas à condição do homem como não distante de sua natureza. Fagundes (2003) menciona que a tolerância à diferença do outro implica também a tolerância às diferenças que existem no próprio homem, de conviver com seus paradoxos representados de modo oculto no recalcado.

A violência aponta para a existência da ineficiência ou fragilidade da preservação de si, e vivenciar essas situações colocam as pessoas diante da ameaça de aniquilação da vida. Fagundes (2003) resgata Benyakar (1998) para esclarecer que a agressão é uma ação que provoca dor, humilhação ou dano a alguém ou a si mesmo, e o agressor emite sinais de alerta ao outro, como no caso da guerra, em que é possível planejar atitudes de defesa. Diante disso, Fagundes (2003) acrescenta que a violência provoca os mesmos fatores, porém é oculta e impossibilita a defesa, como é o caso do terrorismo. A violência é, portanto, uma vivência traumática, uma vez que o aparelho psíquico não está preparado para tal, e coloca o sujeito, novamente, diante da condição do desamparo.

O desamparo é discutido em psicanálise em virtude de ser uma condição fundamental para a constituição da subjetividade. Ceccarelli (2009) esclarece que o desamparo é fundante para o psiquismo humano, sendo, portanto, uma condição necessária para a estruturação do sujeito, ou seja, funciona como um operador metapsicológico, e acrescenta que o laço social é uma tentativa de solução para o desamparo. Estar sujeito à condição do outro e desamparado, enquanto corpo e afeto, coloca a criança à disposição do desejo do outro cuidador, à mercê de seus manejos.

O desamparo vivido psiquicamente, a violência sentida corporalmente e o impossibilidade de encontrar na família a construção de laços que pudessem sustentar os devidos amparos às crianças de Górkki, Ramos e Vasconcelos, colocam em cena a impressão traumática, a qual perpassa algo do vivido e gera uma marca subjetiva, em que o recordado não precisa coincidir com o acontecimento em si.

Maldonado e Cardoso (2009) relembram que a partir da teoria psicanalítica, o trauma relaciona com a dimensão daquilo que não pode ser colocado em palavras, ou seja, é intransmissível. Nesse sentido, o trauma constitui uma vivência que transpõe a capacidade psíquica de recalçamento. Partindo dessa concepção, mostram que a narrativa impossível, posta pela condição traumática, aplica-se ao sofrimento do indizível. O traumático é colocado em um exílio psíquico, de modo a colocar a vivência sentida fora do campo da representação, mas que ao mesmo tempo, está submetida à ordem psíquica.

Freud (1926) considera que o trauma do nascimento é o protótipo da situação da angústia, por fazer refletir a separação do bebê de seu objeto de amor não inscrita no campo das representações, que se faz sentida apenas pelo corpo, como fenômeno somático, uma vez que conta com sua prematuridade biológica ao nascer. O transbordamento energético do nascimento, sem representação, expõe o sujeito a uma real ameaça de aniquilamento. Ao não conseguir tematizar a experiência do perigo da morte, a figura materna recebe a função de introduzir uma estrutura que possa ser considerada como a pré-história do sujeito. O evento traumático do nascimento se relaciona ao aumento da tensão acima do limite tolerável, deixando eminente a autointoxicação. A relação com a figura materna exerce a função de contenção do aparelho psíquico do neonato, e como experiência traumática deve-se à incapacidade de se ligar a outras representações. A essa separação a criança sofre um transbordamento energético que será reativado em toda a angústia que aparecerá posteriormente. O trauma psíquico se retém na constituição das angústias e nas experiências vividas na realidade, que não são possíveis de serem assimiladas ou representadas. Dessa forma, o determinante para o trauma não é o evento em si, mas a forma como o sujeito procura meios para repetir, o que configura uma tentativa para elaborar o evento traumático. Nesse sentido, o evento traumático pode não estar relacionado a situação em si, mas com a ausência de palavra que não lhe cabe sentido, provocando um vazio de simbolização.

A compreensão da infância só é dada *a posteriori*, quando o adolescente ou o adulto podem retomar em suas narrativas as próprias infâncias. A construção das obras revelam um caráter de exercício psíquico em que os autores retornam à infância para revisitar o lugar da construção do traumático. O voltar à essa época na atividade da escrita aponta para os fatos que naquele momento eram recebidos como ação, sem uma palavra de compreensão. O voltar à infância os leva a revisitar lembranças ignoradas, que partilham de sua força ativa para a construção do adulto. A escrita ocupa uma função de elaborar essas vivências e possibilitar a ressignificação do vivido, de portanto, dizer sobre a vivência traumática, a qual se submete ao intraduzível e como significação possível apenas é dada *a posteriori*.

As obras partem de narrativas que remetem ao vivido, como testemunho ou ficção, percorrem o trágico humano. O autor-adulto, ou a criança-personagem, falam de seu infantil, a partir de um universo desamparado. Rabello (2004) menciona que ao narrar a própria infância busca-se resgatar o caráter humanizador dos laços familiares, retomando-os como produtores de ficção, o que permite a construção de uma versão do mundo. Assim, a criança ou o adulto falam de sua infância para não se submeterem a qualquer verdade ou silêncio.

A psicanálise se ocupa de significações, traduções, construção de novas opacidades e novas revelações. A escrita é um mecanismo que dispõe a compreensão do incompreensível, e se dá, conforme Pontalis (1970, apud Rabello, 2004), por um excesso de *pathos*, paixão. A isso, Rabello (2004) complementa que a escrita é produzida sobre aquilo que remete dificuldade a respeito do próprio sujeito que escreve. As elaborações constituem objetos que distanciam de seu caráter natural (Rabello, 2004), porém, mantendo seu conteúdo, mudam a forma para implicar na condição do desamparo, retomando o lugar da infância como privilegiado de não sentido, com a finalidade de propor significações.

Retomando o que foi dito, apresentamos que o desamparo é uma condição para a estruturação do sujeito, que inventa o laço como solução para o desamparo, vinculando-se ao outro. O laço, porém é uma ilusão, porque não é possível encontrar no outro a ausência da falta, o amparo para o desamparo, e portanto não é uma solução para essa condição, apesar de acreditar que seja. O trauma não coincide com a recordação do acontecimento em si, mas faz referência à marca que traz. O trauma, a partir de Freud (1926), diz respeito ao excesso pulsional indizível, que é sentido no corpo como extravasamento. Como excesso Maldonado e Cardoso (2009) apontam que o trauma está além da capacidade de representação psíquica, sendo assim, o sujeito é posto na condição de não ser capaz de fazer testemunho de sua própria história.

A narrativa dos autores, no corpo do adulto sobre a personagem criança, portanto, permite compreender que a infância é o lugar da vivência do trauma, do desamparo e da tentativa de construção de laços, os quais vão ser retomados ou ressignificados na vivência do adulto. Neste corpo, seu psiquismo sempre volta ao espaço da infância para suportar a realidade que se apresenta. Assim, as obras desses autores foram fundamentais para reconhecer a necessidade de reconstrução do vivido.

Considerações Finais

Percorrer as obras de Górkí (1913-1914/2010), Ramos (1945/2012) e Vasconcelos (1968) foram caminhos construídos para entrar em contato com temas pertinentes à psicanálise que pudessem dar voz a temas que perpassam as leituras das narrativas. Buscou-se compreender as infâncias a partir do tempo de construção do infantil, o qual extravasa a cronologia da infância e percorre a vida adulta reescrevendo sua história.

As obras foram autobiografias sobre o tempo da criança que não mais existe nos autores, porém não se desnaturalizaram desse território de vivências ditas e sentidas, e se colocam a apresentar os personagens de um passado inesgotável e não transcrito. Os livros são destinados a um público adulto, que pela leitura acaba também por entrar em contato com um universo vivo, porém, ainda desconhecido, o da infância. O infantil aponta para dialogar com a infância esquecida, perdida, e por isso recalcada. Como zona de produção do infantil, percorrer a infância fez-nos adentrar em temas fundamentais para a constituição psíquica, o esquecimento, as vinculações afetivas no contexto familiar, a violência e o desamparo.

Resgatar as obras de Górkí (1913-1914/2010), Ramos (1945/2012) e Vasconcelos (1968) para adentrar na psicanálise não se esgota aos temas neste estudo apresentados, uma vez que, a infância recalcada e o infantil são conteúdos que não se exaurem ao revelar sua importância e revivescência constante. E, apesar de esquecidos, continuam a intervir na composição psíquica, na manifestação dos sintomas, e no modo como lidar com o mundo e suas interferências. É por esse caráter constitutivo que a infância recobre a atenção da psicanálise, e não podendo ser renegada lança-se ao infantil, que transpõe o tempo para reviver no adulto.

Referências:

CECCARELLI, P. R. (2009). Laço social: uma ilusão frente o desamparo. *Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, ano XXI, 58, pp. 33-41.

GÓRKI, M. (1913-1914). *Infância*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Abril, 2010.

FAGUNDES, J. O. (2003). A psicanálise diante da violência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 37 (2/3): 721-736. São Paulo.

FREUD, S. (1914a). Repetir, Recordar e Elaborar. In. *Obras Completas de Sigmund Freud*, v. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 146-158.

_____. (1914b). *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

_____. (1917). Uma recordação de infância em Poesia e Verdade. In. *Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 189-208.

_____. (1926). Inibições, sintoma e ansiedade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KÄES, R. (2010). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola.

LAJONQUIÈRE, L. de. (2006). A Psicanálise e ao debate sobre o desaparecimento da infância. *Educação e Realidade*, 31 (1): 89-106.

LEITE, N. V. de A. (2007). Psicanálise e Literatura. *Recorte, Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, 4 (7). Texto apresentado no 3º SINAL – Simpósio Nacional de Letras, promovido pelo Programa de PósGraduação em Letras da UNINCOR em abril de 2007. Três Corações/MG. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2078/1769>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MALDONADO, G.; CARDOSO, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia Clínica*. Print version ISSN 0103-5665. *Psicologia Clínica*, 21 (1). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652009000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 mai. 2015.

MARIN, I. da S. K. (2002). *Violências*. São Paulo: Escuta / Fapesp.

RABELLO, S. (2004). O que quer um psicanalista com crianças? In. BERNARDINO, L. M. F. (2004) (org.). *Psicanalisar crianças: que desejo é esse?* Salvador: Álgama.

RAMOS, G. (1945) *Infância*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ROUDINESCO, E (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.

VASCONDELLOS, J. M. de. (1968). *O Meu Pé de Laranja Lima*. 13ª ed. São Paulo: Melhoramentos.

VIDAL, M. C. V. (Ano X). Questões sobre o brincar. *Letra Freudiana*, ano X, 9. Disponível em: <<http://www.escolaletrefreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra09/006.pdf>>. Acesso: em 07 jun. 2015.

ZAVARONI, D. de M. L.; VIANA, T. de C.; CELES, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estudos de Psicologia*, 12 (1), 65-70. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a08v12n1.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

**A PSYCHOANALYTIC READING ABOUT CHILDREN STARRING GÓRKI,
RAMOS AND VASCONCELOS**

ABSTRACT:

Psychoanalysis breaks new ground by revealing that childhood forms the discomfort production area, replacing pleasure by reality, trauma, helplessness, which are fundamental to the constitution of the psyche. This survey of the literature *Infância* of Maksim Górkí,

Infância of Graciliano Ramos and O Meu Pé de Laranja Lima of José Mauro de Vasconcelos to go through infancy and childhood, discussing topics relevant to childhood experiences as the child production time.

KEYWORDS: Maksim Górkí. Graciliano Ramos. José Mauro de Vasconcelos. Psychoanalysis. Childhood. Children.

**A PROPOS DE LECTURE PSYCHANALYTIQUE ENFANTS VEDETTE GÓRKI,
RAMOS ET VASCONCELOS**

RÉSUMÉ:

La psychanalyse innove en révélant que l'enfance constitue la zone de production de l'inconfort, en remplacement de plaisir en réalité, d'un traumatisme, d'impuissance, qui sont fondamentales pour la constitution de la psyché. Cette enquête de Infância de Maksim Górkí, Infância de Graciliano Ramos et O Meu Pé de Laranja Lima de José Mauro de Vasconcelos de passer par l'enfance et de l'enfance, de discuter des sujets pertinents pour les expériences de l'enfance que le temps de production des enfants.

Mots-clés: Maksim Górkí; Graciliano Ramos; José Mauro de Vasconcelos; la psychanalyse; l'enfance; enfants.

Recebido em: 06-01-2016

Aprovado em: 10-02-2016

©2016 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista